

Relações Interculturais

Relato de vivências em uma aldeia Guarani

Por Juliana Duarte Flores, Elisete Larruscain da Silva, Morghana Iantra Garavello Vasconcelos (UFRGS)

Resumo

Este trabalho objetiva relatar e discutir experiências vividas enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), subprojeto Pedagogia/UFRGS, na Aldeia Indígena Guarani, localizada na cidade de Viamão. O projeto está presente em duas escolas estaduais, onde as bolsistas desenvolvem suas ações na modalidade docência compartilhada. Expõe a interação das crianças das escolas de Porto Alegre com as guaranis por meio de um encontro na referida aldeia, pois “Compreendemos que assim, os movimentos de interculturalidade estarão contribuindo para produzir novos conhecimentos [...] e construindo um patrimônio para a interculturalidade a partir das práticas escolares.” (BERGAMASCHI, 2012, p.15). Destacamos o conceito de interculturalidade para análise das especificidades e dos desafios que esse encontro impactou na vida de ambas culturas.

Palavras-chave: Temática indígena, Interculturalidade, Saída de campo, Docência compartilhada

Abstract

This study aims to report and discuss experiences as fellows of the Institutional Program of Teaching Initiation (PIBID), a subproject of Pedagogy / UFRGS, in the Guarani Indian Village, located in Viamão. The project is present at two State schools, where the fellows develop their actions in the shared teaching mode. It exposes the interaction of children from Porto Alegre schools with Guarani children through a meeting in that village, for "We understand that this way, the intercultural movements are contributing to produce new knowledge [...] and building a legacy for interculturalism from school practices." (BERGAMASCHI, 2012, p.15). We emphasize the concept of interculturalism to analyze the specificities and challenges and the meanings that this meeting has impacted in the lives of both cultures.

Keywords: Indigenous issues, interculturalism, fieldwork, shared teaching

Introdução

O Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) proporciona aos estudantes na área das licenciaturas, de diversas universidades de todo o Brasil, experienciarem a docência em sala de aula. Tal projeto permite aos alunos da graduação a aperfeiçoarem-se como futuros profissionais na área da educação, conhecendo-se como docentes. Tal programa tem parceria com escolas de educação básica da rede pública, local onde essa troca entre ensino/aprendizagem ocorre. Os estudantes têm apoio de uma equipe coordenadora, a qual fazem parte docente(s) de licenciatura e um professor da escola em que o projeto está inserido.

O subprojeto PIBID/Pedagogia anos iniciais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), do qual fazemos parte, é dividido em dois grupos. Cada grupo possui cinco bolsistas, graduandas em pedagogia. Um grupo exerce a docência na Escola Estadual Anne Frank e o outro na Escola Estadual de Ensino Fundamental Cândido Portinari, ambas localizadas no município de Porto Alegre. O programa incentiva a prática de docência compartilhada, ou seja, o grupo de cinco bolsistas atua em coletivo na sala de aula, planejando, executando e avaliando as ações conjuntamente. O estudo das temáticas também é feito em conjunto. Tal prática facilita na inserção em sala de aula, principalmente para aquelas que não possuem nenhum tipo de experiência prévia como docente. O PIBID/Pedagogia anos iniciais (UFRGS) tem como principal objetivo promover a diversidade, levando às escolas assuntos que pouco são tratados, mas que são importantes para construir alunos críticos e socialmente implicados no contexto social em que vivem. Em cinco anos de projeto, sempre visando trabalhar temáticas que envolvam a diversidade cultural, já foram trabalhados temas sobre a relação étnico-racial- na perspectiva da educação indígena e da ancestralidade africana. A ambição do projeto é trazer para os alunos realidades que muitas vezes são invisíveis e pouco abordadas na nossa sociedade, mas que são muito importantes e que devem ser discutidas, e principalmente respeitadas por nós. Para isso é necessário conhecer e compreender tais realidades, para que assim possamos alcançar o objetivo maior de promoção da diversidade cultural.

O projeto também proporciona às bolsistas aliar docência e pesquisa, incentivando a participação em eventos, palestras e seminários relacionados à área, agregando-as na sua formação docente, acadêmica e pessoal.

O PIBID/Pedagogia anos iniciais nas escolas: Anne Frank e Cândido Portinari

Para muitas pessoas não indígenas, a denominação índio tem um sentido pejorativo, expresso historicamente por preconceitos e discriminações. Na escola, principalmente, predominam visões estereotipadas dos povos indígenas [...] (BERGAMASCHI, 2012, p. 9)

Infelizmente, assim como a autora Maria Aparecida Bergamaschi cita em seu texto, a visão da maior parte da população em relação à comunidade indígena é construída a partir de estereótipos e preconceitos. Nas escolas não é diferente, a visão dos alunos, construída social e culturalmente, por uma perspectiva eurocêntrica presente do ensino de história, e reforçada nos livros didáticos, tem resultado em concepção cercada de estereótipos ou mesmo um desconhecimento acerca da população indígena. Nós, bolsistas do PIBID, também fomos constituídas nessa perspectiva. Aprendemos a história do Brasil com uma visão totalmente eurocêntrica, conhecemos a história através da ótica dos colonizadores com a respectiva desvalorização ou total apagamento da história dos indígenas. Com isso nossa visão era também estereotipada sobre esses povos. Tivemos a missão de nos desconstruir e nos (re)construir como estudantes, como futuras docentes, mas principalmente, como cidadãs que estão inseridas em uma sociedade preconceituosa e alienada. Tendo esses aspectos como base, nos dedicamos ao máximo no planejamento, elaborando atividades e aulas produtivas e interessantes para os alunos.

O nosso trabalho tem como objetivo inserir no âmbito escolar o estudo e o maior (re)conhecimento da cultura indígena existente, principalmente na cidade de Porto Alegre, tendo como base a lei 11.645/2008, que institui a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas de ensino fundamental e médio.

A prática pedagógica, nas duas instituições, iniciou-se no ano de 2014. Para produzirmos um trabalho com consistência e que fosse significativo aos alunos, estudamos muitos sobre o assunto, lemos textos sobre a cultura indígena, pesquisamos sobre os diversos povos originários, sempre buscando compreender e (re)conhecer essa cultura que, infelizmente, é ainda tão desconhecida e invisível na nossa sociedade. Tivemos que mergulhar na cultura, e para isso, tivemos encontros com pesquisadores da área da interculturalidade, fomos visitar algumas aldeias, conhecemos as escolas indígenas e seus métodos de trabalho, ti-

vemos palestras com representantes das comunidades indígenas, conseguindo, através dessas práticas, aproximar-nos um pouco mais desse universo, para então conseguir ter uma base mais concreta e assim prosseguir com nossas ações junto aos alunos e poder pensar nossos planejamentos das aulas.

Inserindo a temática nas escolas

Então nós, alunas de Pedagogia, pertencentes a semestres diferentes, passamos por esse processo de formação antes de embarcar nesse novo desafio, que foi levar um pouco da cultura indígena para alunos de duas escolas dos anos iniciais da cidade de Porto Alegre. Planejar em conjunto, dentro da modalidade da Docência Compartilhada, não é nada fácil, levando em consideração as ideias particulares de cada uma, no que acreditam e seus objetivos a serem alcançados. Para esse trabalho chegar num êxito esperado, precisamos ter muito diálogo, e claro, sempre respeitando as visões e experiências de cada uma do grupo.

Passando esse obstáculo do pensar em conjunto o mesmo tema, partimos para os planejamentos das atividades. Primeiramente é necessário pensar quais são os objetivos que queremos alcançar com cada aula, planejar com o máximo de cuidado, imaginando a reação das crianças, que muitas vezes são totalmente inesperadas. Tentamos ser muito claras em nossas propostas, para que eles pudessem compreender o que queríamos passar com a apresentação da cultura indígena, tendo como base o pensamento de que “As crianças se sentem atraídas, motivadas a participar de atividades quando compreendem sua finalidade e podem relacioná-la com coisas que já conhecem, isto é, quando essas atividades são funcionais.” (CAVALCANTI, 1995, p.9)

E junto com a temática central contemplamos uma série de aprendizagens como, por exemplo, trabalhar a escrita, a oralidade, conhecimentos na área da matemática, geografia, história, artes, músicas, etc.

Atualmente há três etnias que residem na cidade de Porto Alegre: Guarani, Kaingang e Charrua. Iniciamos as nossas atividades nas escolas apresentando aos alunos tais etnias e o local de suas respectivas aldeias, fazendo com que eles percebessem o quão perto de nós esses povos estão e, ao mesmo tempo, sua cultura nos parece tão distante, mas que não conseguimos percebê-la. Na sequência, colocamos em uma caixa algumas perguntas como: “*Os indígenas caçam? Onde e como vivem? Como se sustentam?*”

Tais perguntas eram respondidas pelos próprios alunos, que levantavam hipóteses sobre a temática. Instigávamos os a pensarem se tais hipóteses estavam corretas, como no momento em que eles afirmavam veemente que os indígenas caçavam para se alimentar, então indagamos se naqueles locais, onde as aldeias estavam localizadas, havia mato ou animais que eles poderiam caçar para se alimentar. Fazendo assim, um processo de desconstrução foi constituído, para que eles pudessem refletir sobre suas hipóteses e com isso construir outras mais coerentes com a realidade indígena na cidade de Porto Alegre. Tal atividade também colaborou para compreendermos quais eram os conhecimentos deles sobre a temática.

Para que pudéssemos produzir um trabalho significativo e não superficial sobre a temática, exploramos os conhecimentos de uma etnia de cada vez, entrando a fundo nas suas especificidades. Mostramos vídeos que abordavam o dia a dia da comunidade e como faziam para se sustentar, apresentando o processo de confecção e comercialização de seus artesanatos, os locais de venda, por exemplo. Levamos algumas lendas específicas de cada povo, como a lenda do milho, que inclusive foi um dos maiores sucessos das nossas aulas, pois terminou com a degustação de produtos feitos com a farinha de milho. A culinária é sempre um tema importante, envolvente e produtivo para ser trabalhado nas aulas.

Com base no vídeo sobre o artesanato indígena produzimos uma aula voltada às artes. Levamos argila e propomos a eles que reproduzissem as cerâmicas que os indígenas fazem em suas comunidades. Os alunos produziram materiais belíssimos como panelinhas, pratos, copos, vasos, a criatividade não teve limites, reproduziram até seus objetos pessoais, coisas de suas casas. Foi uma interação muito intensa nessa atividade, pois através do uso da argila, fizeram representações de sua cultura e da cultura que eles estavam conhecendo.

Em outras aulas, apresentamos alguns jogos que os indígenas costumam brincar, como o jogo da peteca e a cama de gato. Ambos os jogos de origem indígena. No dia em que propomos o jogo da peteca explicamos aos alunos que jogo era aquele, como originalmente era jogado e para culminar com a teoria, levamos petecas para que os alunos pudessem experienciar aquele momento, com eles próprios jogando. A partir do jogo os alunos solicitaram uma aula para que eles pudessem confeccionar suas próprias petecas. Aceitamos o desafio e na semana seguinte levamos o material para começarmos a montar e colar as petecas, lembrando que essa aula não estava planejada, mas devido à demanda, organizamos e flexibilizamos nosso planejamento.

A proposta da brincadeira da cama de gato foi muito criativa, levamos lãs coloridas para que eles pudessem

executar a proposta da brincadeira e depois fizessem desenhos usando as linhas. Foi trabalhado o conhecimento em relação ao jogo que as crianças indígenas brincam e a construção de outros saberes no campo das artes, como traçar linhas dos desenhos usando a lã como material principal.

Em uma outra aula, levamos para a sala caixas com material didático sobre a história dos povos Guaranis disponibilizado pelo Museu da UFRGS para ilustrar nossas aulas. Nessas caixas havia folhetos informativos, mapas antigos e réplicas em miniatura de animais. Através desse material propomos aos alunos que fizessem desenhos e produções textuais.

Depois de inúmeras demonstrações sobre a cultura indígena, promovemos uma interação entre os alunos das nossas escolas e os alunos da escola indígena. Para iniciar esse novo desafio, primeiramente houve uma aproximação por meio de cartas. Propomos para os alunos uma produção escrita de cartas, onde eles deveriam contar sobre suas vidas, seus cotidianos e também expressar curiosidades sobre a vida na aldeia. As cartas foram enviadas para os alunos de uma escola indígena, os quais responderam e contaram um pouco de suas vidas, demonstrando também algumas curiosidades. Essa experiência foi muito rica, pois a partir dessa interação pudemos perceber que tudo que havíamos estudado até o momento estava de certa forma mais concreto, nossos alunos estavam começando a sair de suas individualidades, e compreender o quanto a cultura indígena estava mais próxima de suas realidades.

“Não é uma visita, mas uma vivência” (Vera Poty)

Além das aqui descritas, muitas outras atividades foram realizadas com as crianças. Conforme familiarizavam-se cada vez mais com a temática, chegava a hora de iniciar os preparativos para a saída de campo. Este processo foi cuidadosamente planejado, tendo em vista a relevância do encontro entre ambas culturas. A cada semana, relembramos os alunos que a visita se aproximava.

A articulação entre o grupo do PIBID e a representante da aldeia na Universidade também foi de suma importância, uma vez que ela, além de agendar a melhor data para nossa ida, também sanou as dúvidas das bolsistas e coordenadoras. Com este objetivo, às vésperas da data que fora previamente combinada, marcamos uma reunião com ela. Questionamos sobre a expectativa das crianças indígenas, se haviam preparado alguma atividade e relatamos as atividades que havíamos planejado juntamente com o PI-

BID Educação Física da escola Cândido Portinari, assim como sobre o lanche que pensamos em levar. Também foi questionado em relação à possível venda de artesanatos da comunidade da aldeia, o que foi confirmado pela representante.

Chega, finalmente, o dia da ida à aldeia. Era, então, dia dois de julho de 2015, e a saída estava marcada para às 13h30 na Escola Cândido Portinari. Levou algum tempo até conseguirmos organizar todas as crianças, verificando a lista dos nomes previamente confirmados. É importante destacar que optamos por levar apenas as turmas do quarto e quinto ano, deixando que o terceiro ano fizesse a visita em um outro momento, questões de organização do grupo. Além das bolsistas do PIBID e dos alunos, da supervisora do grupo e das professoras regentes das duas turmas, tivemos também a companhia do grupo PIBID Educação Física, que ficou responsável por passar duas atividades lúdicas para o grande grupo de crianças, nossos alunos e as crianças indígenas.

Ao longo da tarde, percebemos que falhamos por não combinarmos um momento prévio de formação com a equipe da educação física e com as professoras regentes da escola Cândido Portinari. Tal estranhamento não foi notado por parte das crianças, já que estes vêm estudando mais de um ano a temática indígena. Além do estranhamento, observamos também o despreparo da parte de alguns dos profissionais citados, o que pode ter sido ocasionado, justamente, pela falta de formação prévia. Isso se evidencia na frase que relatamos a seguir, de uma das professoras regentes:

- *Crianças (dirigindo-se a seus alunos), sentem com “perninha de índio”!*

Salvo as inconveniências específicas, o restante correu muito bem. Assim que chegamos, fomos recepcionados com uma dança típica, apresentada pelas crianças da aldeia. Após, dirigimo-nos até um espaço no qual as crianças puderam interagir e brincar coletivamente. Houve uma breve explicação dos costumes e hábitos indígenas, momento em que o cacique esclareceu algumas dúvidas apontadas por nossos alunos. No início das brincadeiras, houve certa resistência das crianças em participar das atividades, pois estavam envergonhadas. Posteriormente, com o estímulo e participação das professoras, as atividades fluíram positivamente e percebemos que, até mesmo quando foi proposto o lanche coletivo, as crianças gostariam de continuar brincando. Nós do PIBID da Pedagogia levamos bolos, pipocas e suco, que foram apreciados pelas crianças de ambas culturas. Após o lanche, algumas crianças compraram itens do artesanato indígena e retornamos à escola.

A visita motivou perguntas e suscitou dúvidas em nossos alunos, em relação ao espaço e vivências indígenas. Como fechamento, na aula seguinte, propusemos que as

crianças registrassem coletivamente em um grande papel pardo quais foram suas principais observações em relação à aldeia, fosse em forma de desenho ou escrita. Além das turmas de quarto e quinto ano, que fizeram a saída de campo, a turma do terceiro ano também participou da atividade, registrando o que elas achavam que seria visto caso fossem à aldeia. Assim, puderam comparar suas impressões com as dos colegas que realizaram a visita, descobrindo se suas suposições eram verdadeiras, de fato.

Considerações finais

Durante o processo de aprendizagem que ocorreu ao longo de todo o ano, da execução dos planejamentos, dos estudos e pesquisas feitas, pudemos perceber o quanto importante é trabalhar esta temática e o quanto marginalizando e estereotipado este tema está nas escolas, por isso além de ter como base a lei 11.645/2008, “faz-se necessário o trabalho com o tema, a fim de mostrar outras visões da história do Brasil, já que a escola, em geral, só apresenta a visão dos colonizadores” (SILION; GOMES; FERREIRA, 2012, p. 171).

Portanto, após todo esse processo que culminou com a ida à aldeia, pudemos perceber que o nosso objetivo principal foi alcançado. Assim, percebemos a importância desse encontro final da primeira parte do nosso trabalho que resultou na vivência concreta de interculturalidade por parte de ambas as culturas. O nosso projeto é apenas uma sementinha plantada para que nossas crianças no futuro não reproduzam em suas falas e em suas ações estereótipos tão presentes em nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

SILION, Gabriela Bonneau; GOMES, Luana Barth; FERREIRA, Priscila. **Literatura infanto-juvenil e a temática indígena: possibilidades na escola**, In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas (organizadoras). Povos indígenas & educação. Porto Alegre: Mediação, 2012. P. 171- 180.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Povos indígenas: Conhecer para respeitar. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.) **Povos Indígenas & Educação**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CAVALCANTI, Zélia. **Trabalhando com história e ciências na pré-escola.** Porto Alegre, 1995